

Fábrica de crianças em Ceilândia

Hospital Regional completa 17 anos com média de 40 partos realizados por dia e dificuldade para atender grávidas

Cibelle Colmanetti
Da equipe do **Correio**

O Hospital Regional de Ceilândia completou 17 anos de fundação na última quinta-feira. No dia 27 de agosto de 1981, o HRC era entregue à população — estimada em 300 mil pessoas — pelo então presidente João Figueiredo. Na época, a construção, de 4.000 metros quadrados, tinha capacidade de 53 leitos e várias clínicas especializadas. Depois de mais de oito reformas e ampliações, o hospital apresenta 12.784 metros quadrados de área construída, 213 leitos, quatro salas de cirurgia, duas de parto cesariana, unidade de Pronto Socorro, ambulatório com 18 consultórios, laboratório de Patologia Clínica, radiologia e banco de sangue. Mesmo assim, a maior maternidade do Distrito Federal — como o HRC é conhecido — não consegue atender a demanda da comunidade.

O hospital realiza em média 1.000 atendimentos diários. Partos chegam a 40 por dia, uma média de 800 mensais, o que coloca o HRC em primeiro lugar no Distrito Federal em número de nascimentos. Só em março, o mês campeão, foram 891 partos.

Driblar o espaço físico é tarefa diária de quem lida com a área de ginecologia e obstetrícia. Há 51 leitos disponíveis para as mães, “capacidade sobrecarregada”, segundo a chefe da ginecologia Marli Nóbrega, 41 anos, 12 de HRC. “Isso nos obriga muitas vezes a improvisar, deixando as mães em macas e às vezes sobre colchões no chão”, justifica ela.

A grande procura se reflete no Centro Obstétrico. Criado para realizar o acompanhamento às mães no pré-parto e parto, o centro precisa abrigar as pacientes que acabaram de dar à luz por um ou mais dias. “Nosso trabalho é acompanhar as mães até cerca de duas horas depois do nascimento dos filhos, para evitar qualquer tipo de problema. Mas como não há vagas na maternidade, temos de manter as mulheres aqui mesmo”, diz o técnico em enfermagem João Félix Rego, 41 anos.

BOM ATENDIMENTO

Há 15 anos trabalhando no HRC, ele sempre foi crítico da superlotação da maternidade. “Para que não tivéssemos esse tipo de problema, seria necessário de pelo menos o dobro de leitos para as mães e seus bebês”, afirma Félix, que, no entanto, acredita no bom atendimento oferecido no hospital. “O excesso de

partos é prejudicial, mas tenho orgulho de saber que realizamos um bom trabalho”.

A dona de casa Liliane Gomes de Souza, 22 anos, gostou tanto do serviço oferecido pelo hospital em seu primeiro parto, há quatro anos, que já voltou outras duas vezes, no nascimento de suas duas filhas mais novas. Mãe de Kécia Caroline, nascida às 4h de ontem, ela se surpreende com o HRC. “Sempre fui muito bem atendida. Por isso, fiz questão de ter todas as minhas filhas aqui, apesar de morar em Taguatinga”.

A chefe de ginecologia reitera. “Atendemos todos os pacientes que chegam à nossa porta. Seria absurdo que, por falta de vagas, deixássemos as grávidas darem à luz no meio da rua”, afirma Marli Nóbrega. A médica frisa que, apesar do grande número de partos, a taxa de bebês prematuros é umas das menores do DF. “Enquanto na rede, o índice é de 10%, no HRC esse número cai para 7%”.

Ela estima que 30% dos partos realizados são de pacientes vindas de outras cidades do Distrito Federal e do Entorno, como Samambaia, Águas Lindas, Santo Antônio do Descoberto, Parque da Barragem e invasão da Estrutural. “Isso faz com que nossa demanda seja multiplicada várias vezes. Ao invés de quase 400 mil habitantes, acabamos trabalhando com uma população estimada em mais de 600 mil pessoas”, diz Marli, que coordena 78 médicos, dos quais 35 atuam também nos centros de saúde da cidade.

REFORMAS

Para melhorar as condições de trabalho e o atendimento à população, o Hospital Regional de Ceilândia está realizando mais uma obra de ampliação de serviços. Um novo bloco já está em fase final de construção e deverá ser entregue em 60 dias. Ele englobará o centro obstétrico, o pronto socorro ginecológico, o berçário e o centro cirúrgico.

O setor de obstetrícia ganhará três consultórios, uma sala de ecografia, duas salas de atendimento de auto risco e uma sala de espera para 30 gestantes sentadas. Hoje o atendimento ocorre em uma sala improvisada, onde há apenas dois consultórios. Do lado de fora, as pacientes disputam as poucas cadeiras disponíveis.

Já existem atualmente duas salas destinadas ao parto cesariana e apenas uma ao parto normal, onde três mulheres podem ser atendidas ao mesmo tempo. No novo bloco, além de duas salas para

Ronaldo de Oliveira 26.8.98



A grande demanda de mulheres em trabalho de parto dificulta o atendimento oferecido pela equipe médica do HRC

partos com algum tipo de complicação, haverá dez boxes individuais. “Com isso estamos humanizando o atendimento, oferecendo mais conforto”, afirma o diretor do HRC Paulo Arlindo Polcheira, 43 anos, há 16 anos ginecologista do hospital.

Diante da maior capacidade para partos e o mesmo número de leitos, Polcheira explica: “Iniciaremos um trabalho com o Saúde em Casa para que as pacientes possam

ficar menos tempo internadas no Hospital. O resto do acompanhamento poderia ficar a cargo das equipes, o que possibilitaria à paciente ir para casa. Isso se aplica a todos os setores do hospital”.

Esse trabalho conjunto seria a única solução para contornar a falta de médicos, que preocupa o diretor de Recursos Humanos José Faustino dos Santos Junior. “Precisaríamos de mais 40 ou 50 médicos em nosso hospital. E esse número só tende a

aumentar porque é cada vez mais difícil repor as aposentadorias e as demissões”, afirma ele. Para se ter uma idéia, só em clínica médica e pediatria, há atualmente 36 e 48 profissionais, respectivamente. “Seriam necessários entre 15 e 20 médicos nesses setores”, avalia Junior.

Apesar das dificuldades, o diretor Paulo faz um balanço positivo destes 17 anos. “Crescemos em tecnologia e área física e atendemos bem a quem nos procura”, garante ele.